

LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA

Na Região
dos
Peixes Fosforescentes

Ilustrações de RITA BLUMER

2.^a EDIÇÃO

808.068
A44Am
2.ed.



Edições Melhoramentos

Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal, 120 B — São Paulo

5/IV-8

IMPRESA NACIONAL
Biblioteca de Recreio

N.º 511

Data 6/12/50

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 772



*A meu irmão Otávio,
pequena homenagem de uma grande saudade.*

ÍNDICE

A quadrilha de piratas

Cap. I	— O Mar fica inabitável	5
» II	— Os peixes do Mar chegam ao rio	8
» III	— O combate aéreo	15
» IV	— A quadrilha de piratas	16
» V	— Volta a paz	23

Na região dos peixes fosforescentes

Cap. I	— Um mistério no fundo do Mar	25
» II	— O espírito das trevas	28
» III	— Os estranhos seres do abismo	31
» IV	— O vidro de Luciferina	32
» V	— A Piabinha em perigo	34
» VI	— O plano dá certo	37
» VII	— A espantosa explicação	38
» VIII	— A Piabinha volta para cima	42
Robalinho e Golondrina		47

A QUADRILHA DE PIRATAS

CAPÍTULO I

O Mar fica inabitável

Antigamente era tão bom ser peixe do Mar! Havia passeios lindos e para todos os gostos. Florestas de coral, bosques de algas, cordilheiras de grutas e lá longe, bem longe, maravilhosas geleiras! E que vida divertida os peixes levavam! Quando naufragava algum navio, corriam todos para ver as novidades. Cada qual recebia um presente e saía mais contente do que o outro.. Jóias, garrafas de vinho, brinquedos. Uma festa e tanto! Por sinal que uma vez aconteceu uma coisa bem engraçada: um Esturjão ganhou uma lata de caviar e ficou muito espantado quando encontrou dentro dela os ovinhos que uma tia sua pusera... E um Bacalhau viúvo, que quase morreu de susto, quando descobriu sua mulher (que mordera anzol) tôda salgada e dependurada na despensa de um transatlântico!

Mas, ultimamente, tudo estava ficando diferente e esquisito. Não havia um dia em que não afundassem dois ou três navios. Eles não tinham mais aquelas chaminés coloridas de vermelho, verde, azul, que os peixinhos pequeninos gostavam tanto de ver. Eram pintados de negro e tão feios que nem dava vontade de a gente olhar... E só tinham coisas horríveis dentro: fuzis, dinamite, drogas mortíferas que envenenavam os peixes, coitados. A situação foi piorando. Apareceu uma quantidade enorme de submarinos, aqueles navios pequenos e fechados que se moviam debaixo d'água, atacando os barcos que passavam ern cima. Quando havia combate então e o submarino ia ao fundo, era um horror! Largava uma espécie de óleo

escuro que se espalhava pelas águas e matava uma porção de bichos. O peixe ia arroxendo, arroxendo, vomitava, sentia aflição e pronto. Virava defunto.

Dr. Golfinho estava cansado de passar atestados de óbito: «intoxicação por óleo», declarava êle.

E tôda hora havia estouro de bomba de profundidade e mina submarina. Um inferno!

Que se estaria passando lá em cima?

Ninguém compreendia nada. Só uma coisa havia bem clara: o Mar estava ficando inabitável...

Os bichos de água doce, quando souberam do que acontecia, puseram imediatamente os rios à disposição dos seus vizinhos.

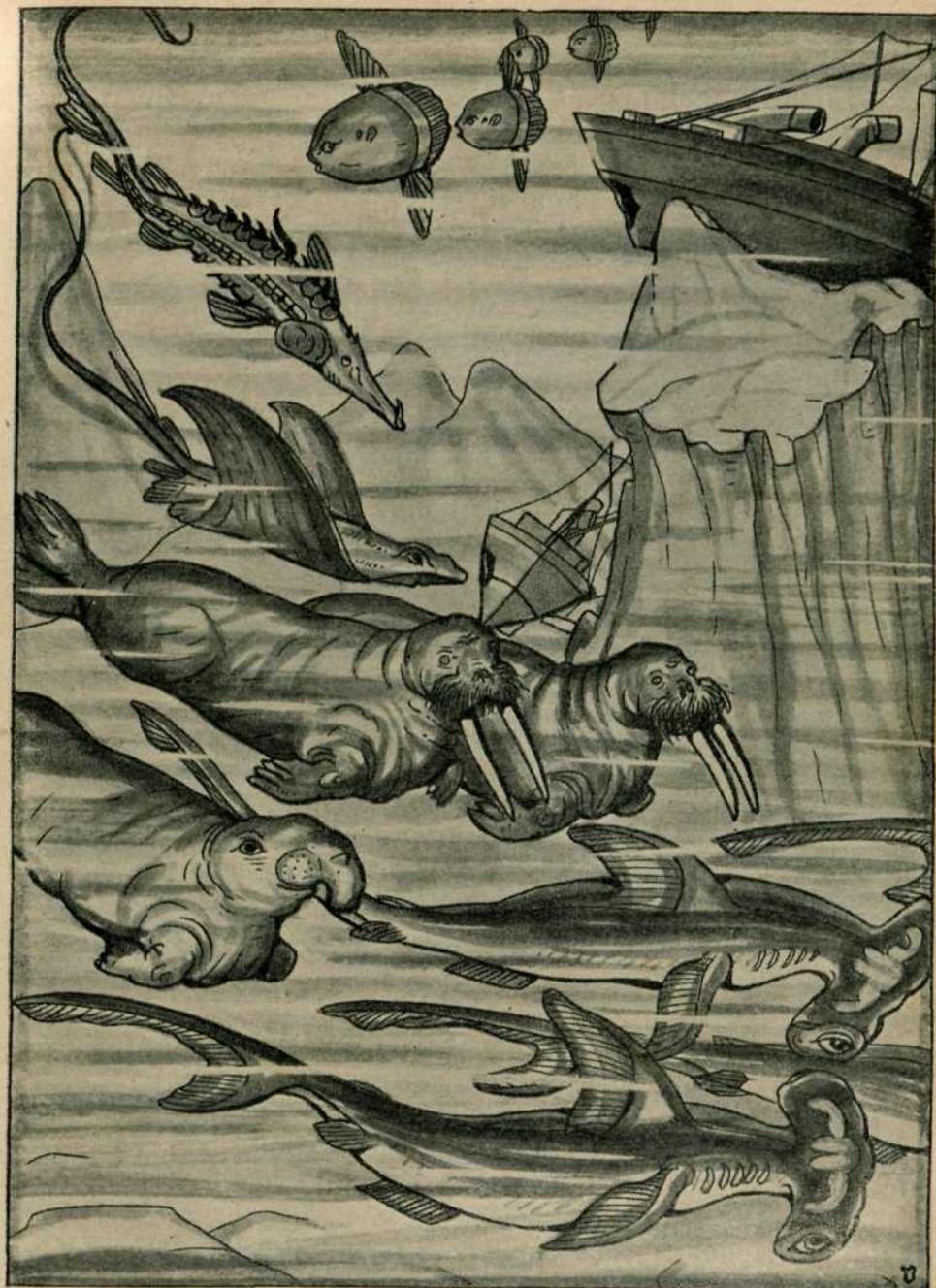
Faziam mesmo questão de que êles fossem para lá.

A Piabinha, aflitíssima, resolveu chamar o Cachalote e o Tubarão-Chefe para uma conferência. Conversaram bastante e resolveram nada mais nada menos do que aceitar o convite e levar os peixes do Mar para o rio.

— Não há outro remédio, dizia a Piabinha. Todo o mundo está com dor de barriga e enjojo. Ninguém tem sossego para nada. Se não sairmos logo daqui, morreremos em pouco tempo.

E cada qual começou a arrumar sua bagagem e a fechar as suas grutas. Em uma semana estava tudo pronto para a viagem. A Piabinha, o Tubarão-Chefe e o Cachalote, para não haver confusão nem desordem, dividiram os bichos em grupos de famílias e mandaram que todos fizessem uma grande fila. Os maiores iam na frente e os menores eram os últimos. A Baleia puxava o cordão que terminava por um minúsculo pólipó gelatinoso.

Era mesmo um espetáculo interessante aquela porção de peixes e bichos esquisitos, um atrás do outro... Tubarões-Martelo, Tigres-Marinhas, Focas, Caranguejos peludos, Medusas e Anêmonas lindas, Polvos mal-encarados, enfim uma quantidade incrível de animais curiosíssimos.



Ficou combinado irem todos para o Vermelho, que era o maior rio que desembocava no Mar.

O Cachalote, que continuava como Chefe de Polícia, preveniu a todos que se portassem muito bem. Aquele que brigasse ou se comportasse mal seria trazido novamente para o Mar, onde acabaria morrendo envenenado.

E assim, sob as ordens do Tubarão-Chefe, a comprida fila de refugiados começou a nadar em direção à foz do grande rio.

O Mar ficou deserto. Apenas os misteriosos habitantes da região abissal - os peixes das zonas profundas - continuaram em suas águas sombrias. Nada os perturbava na quietude e no silêncio de sua noite eterna.

CAPÍTULO II

Os peixes do Mar chegam ao rio

Foi uma festa a chegada dos bichos do Mar! Tudo era novidade para os de lá e os de cá.

— Mamãe, olha a tromba daquele ali! gritou um sapinho, scandalizado com o Elefante-Marinho.

— Sossega, menino, disse a mãe. Fala mais baixo, senão ele ouve.

O Peixe-Vela, que era o nadador mais veloz do Mar, saiu em grande estilo e, num instante, foi até à nascente do rio e voltou.

— Mas que encanto! diziam os hóspedes, examinando um grupo de Vitória-Régias. As folhas eram enormes e pareciam grandes bandejas redondas boiando. A flor da Vitória-Régia é considerada uma das maiores do mundo e todos não se cansavam de admirá-la.

As peixinhas do rio acharam uma graça enorme no Namorado, que ficava nadando de um lado para outro e dirigindo para elas aqueles olhos doces e arregalados.

— Qui... Qui... Qui... faziam todas, rindo, quando ele passava.

O Torpedo soube que no rio também havia peixes elétricos e foi procurar o Poraquê. Este era comprido e seu corpo lembrava o de uma grossa serpente.

— Bom-dia, senhor Poraquê, disse o Torpedo. Eu sou elétrico e ouvi dizer- que o amigo também é. Sabe dar choque?

— Ora, ora que pergunta! respondeu o Poraquê. Tome lá um... E encostou-se ao rabo de seu visitante. Saiu cada faísca! Quase ia havendo um curto circuito... Quando passou o efeito do choque, o Torpedo disse:

— Sim, senhor, estou gostando de ver, amigo Poraquê. Eu soube que você tem uma usina de eletricidade e vim oferecer os meus serviços para trabalharmos juntos.

— Ótimo, senhor Torpedo. Começemos hoje mesmo. E saíram juntos.

A Piabinha nascera mesmo na foz do rio, mas tinha alguns parentes num córregozinho que se despeja num ribeirão, que por sua vez era afluente do Vermelho. Foi logo visitá-los e ficou hospedada com eles.

O Velho Atum continuava cada vez mais sábio. Era mesmo uma pena ele ser tão pedante e falar tão difícil! Logo que chegou ao rio, arranjou uma gruta solitária e começou a estudar Jacarés, uma das poucas línguas que ele ainda não falava.

A Baleia era motivo constante de espanto e admiração para os bichos do rio. Muitos ficavam a seu lado, observando a água que saía em esguicho das suas narinas, quando ela soltava o ar que havia respirado. E todos achavam esquisitíssimo um animal de bôca tão grande só poder engolir coisas pequenas por causa da abertura estreita

da garganta. As peixinhas miúdas perderam o mêdo e viviam pedindo para encostar nela, só para ver se tinha mesmo o sangue quente. E a Baleia, que era uma boa criatura, deixava que elas passassem pelo seu dorso e até mesmo que mamassem um pouquinho do seu leite.

— Um, dois, um dois, marcavam os Polvos, fazendo ginástica sueca. E esticavam e encolhiam os tentáculos sucessivamente. Aquilo era braço por todo lado!

— Vamos plantar um campo de juncos e precisamos fortificar os músculos, explicavam êles.

As Anémonas fizeram um sucesso incrível no rio! Todos queriam ao menos uma em casa para servir de enfeite.

Mas a coisa mais linda e interessante que veio do Mar foi uma família de Sifonóforos! À primeira vista, tinha-se a impressão de estar vendo uma belíssima guirlanda de flores vivas transparentes e de colorido variado. Observando-se bem, descobria-se que a guirlanda de Sifonóforos não era nada mais nada menos do que uma família inteira de animais gelatinosos que se comunicavam entre si por uma espécie de tubo ou sifão. O mais curioso é que cada membro dessa colônia tinha uma tarefa especial a cumprir. Os nadadores faziam o papel de motor e encarregavam-se da locomoção. Os pescadores tinham tentáculos e cuidavam da alimentação, apanhando presas cuja digestão era confiada aos especialistas no assunto. Quando a família queria ficar em cima d'água, enchia de gases um órgão chamado neumatóforo que servia de bóia. Caso quisesse ir para o fundo, contraía as paredes musculares daquele órgão e imediatamente a colônia descia. Havia sempre uma porção de bichos do rio prestando atenção nos Sifonóforos.

— Pode pegar?

— Pode, respondeu um dos nadadores.

O Jacaré aproximou-se, tocando-o de leve.

— Que coisa incrível! disse êle. Você parece feito de gelatina...

E continuou reparando. Havia uma peixinha novinha que não se fartava de admirar a bela guirlanda de flores vivas. De repente ela começou a rir sozinha.

— O que há? perguntou o nadador.

— Estou só imaginando como é que vocês se arranjam quando brigam... falou ela.

— Mas por quê? indagou êle. A peixinha continuou a rir e disse:

— Deve ser muito engraçado um com raiva do outro e assim agarradinhos. Pois eu, quando fico de mal com minhas amiguinhas, passo uma porção de dias sem nem olhar para elas...

— Qual nada, menina peixinha. A gente tem de viver junto mesmo e não dá importância a pequenas briguinhas. No fim acaba tudo bem.

E lá se foi a linda guirlanda de Sifonóforos ondulando...

O Jacaré era muito amável e disse para um grupo de peixes do Mar:

— Nós também temos coisas interessantes aqui no rio. Vou mostrar-lhes algumas. Acompanhem-me. E levou-os até uma caverna misteriosa onde moravam peixes de quatro olhos!

— Puxa, que fartura! comentou um Camarãozinho.

— Pois é isso, continuou o Jacaré. Como vocês estão vendo, esses peixes têm olhos duplos, um debaixo do outro. Quando nadam à superfície, deixam fora d'água o par de cima, enquanto o par de baixo fica submerso. Dê-se modo enxergam o que se passa no ar e na água.

— Mas que coisa incrível! exclamaram os bichos do Mar.

O Jacaré, todo vaidoso, deu uma risadinha e disse:

— Isso não é nada. Venham ver agora os nossos peixes cegos. E levou-os a outra gruta onde morava uma

família inteira deles. Eram escuros e não tinham olhos, guiando-se pelo ouvido e pelo tato, que possuíam muito apurados. Conversaram com os visitantes e mandaram lembranças para o Ipnops - - o peixe cego das profundidades do Mar.

Passou um bando de alegres Salmões, que iam visitar uma cachoeira ali adiante. Os Salmões conheciam o Vermelho de cor e salteado, pois, apesar de viverem no Mar, nasciam no rio e lá voltavam de vez em quando para pôr os seus ovinhos. E como era interessante vê-los saltando os degraus da cascata, para subirem até à nascente!

— Qual é o peixe mais feroz que vocês têm? perguntou o Camarãozinho.

— E' o Lúcio, aquêlo grandão que vai ali, falou o Jacaré. E' tão ruim que come até os próprios filhos!

— Esganado! exclamaram todos indignados. Tomara que morda anzol!

— Ou que caia na rêde, acrescentou o Jacaré.

Os bichos do Mar estavam escandalizados com o Lúcio, quando veio vindo um bando de peixes do rio: cinco Piranhas, dez Pirarucus, de escamas vermelhas e um Peixe-Boi, que era cetáceo e respirava fora da água.

— Mas que antipatia, vovó! falou uma Tainhazinha.

— O que é, meu bem? indagou a velha.

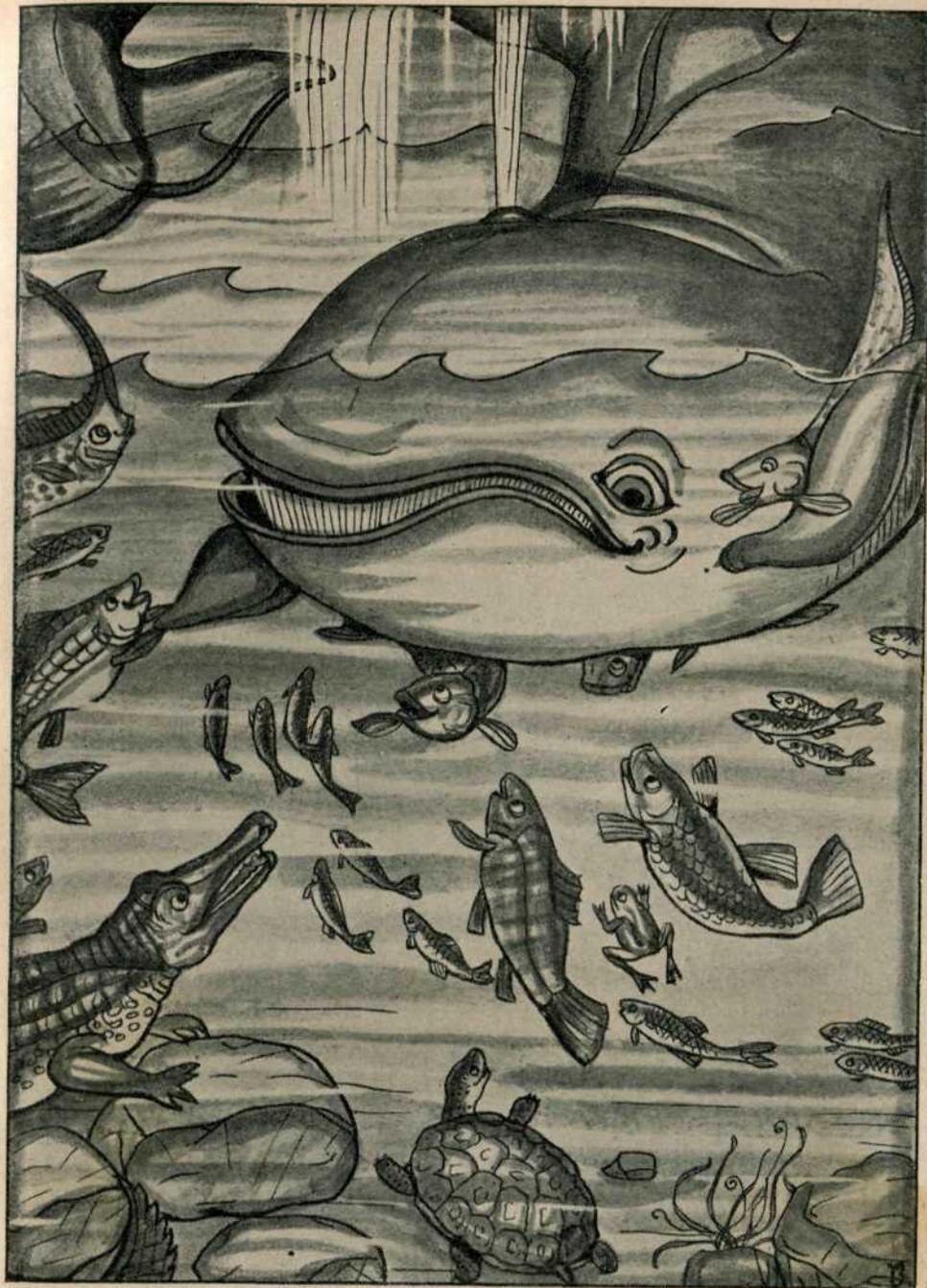
— E' aquela Piranha ali que está me chamando de fedelha, explicou a peixinha. E pôs a língua de fora para uma odiosa Piranha que ria mostrando os dentes.

— Fedelha! Fedelha! gritava ela de longe...

— Finja que não está ouvindo, minha neta, disse a avó. O que ela quer é ver você com raiva. Não de importância e será ela quem ficará zangada.

A Peixinha assim fêz e a Piranha foi-se embora furiosa...

Os Peixes do Mar acostumaram-se com a nova vida, mas estranhavam um pouco a água doce, queixando-se de enjojo e falta de apetite. Um Robalo teve então a ótima



ideia de trazer sal do Mar e fazer um depósito no rio. Fabricava bolinhas que vendia aos peixes, ganhando muito dinheiro. Por sinal que uma vez a Baleia estava toda contente, chupando sossegada um prato de bolinhas de sal, quando o Cachalote veio disfarçadamente por trás e, de um bote só, engoliu todas as que restavam no prato... A Baleia, que tinha guardado as maiores para o fim, quase morreu de raiva...

— Só quis pregar-lhe uma peça, amiga Baleia, disse o Cachalote. Eis aqui um saco de caramelos de sal que lhe trouxe de presente.

— Oh! falou ela desapontada. Vamos chupá-los juntos.

— Aceita um? perguntou o Cachalote a uma Garoupa que passava.

— Gratíssima, tornou ela. Lamento repudiar a ofensa. Fenómenos peristálticos anormais causam-me penosos reflexos no aparelho digestivo, privando-me de degustar tão saborosa quão requintada iguaria.

— A senhora é parenta do Atum? perguntou o Cachalote impressionado.

— Não. Por quê?

— Por nada, tornou êle.

Mas a Baleia compreendeu logo por que é que o seu amigo fizera aquela pergunta.

— Arre! Que criatura pernóstica! desabafou ela, enquanto a Garoupa se afastava. Tanta complicação só para dizer que estava com dor de barriga!...

Os peixes do Mar faziam excursões pelo rio e chegavam até a uma grande e bela cachoeira que achavam um encanto. De vez em quando nadavam até algum dos afluentes do Vermelho, davam um passeio e voltavam.

Alimentavam-se principalmente de ovos de tartaruga do rio, com os quais faziam deliciosos pudins. Todos arranjaram trabalho e procuravam ajudar os seus hospitaleiros amigos.

Contente por ver que os peixes do Mar e os do rio estavam em boa amizade, a Piabinha despediu-se deles, dizendo que iria sozinha fazer uma visita ao Mar.

— Não vá, não vá! pediam todos.

Mas como precisava ver o que se estava passando por aqueles lados, ela foi assim mesmo.

CAPÍTULO III

O combate aéreo

O oceano rugia, cinzento e raivoso. As ondas arrebatavam na praia com um gemido tristíssimo; o Mar uivava como um animal ferido de morte. O azeite mineral negro -- o petróleo dos navios e submarinos afundados -- envenenava as águas, dando-lhes um aspecto repugnante.

A Piabinha, com o coração despedaçado de tristeza, via aquilo tudo sem compreender nada. Avançou um pouco e subiu até à superfície das ondas. Escutando um ruído estranho, pôs a cabecinha fora d'água e olhou para o céu.

Manchas distantes vinham vindo em direção a um grande encouraçado que estava ali, a alguns metros de distância. Poucos segundos mais e desenhou-se claramente uma esquadrilha de aviões torpedeiros que se aproximavam do navio de guerra. As baterias antiaéreas começaram a funcionar, procurando abater os atacantes. O avião inimigo abaixava, deixava cair um torpedo, metralhava o convés do navio e voltava roncando. O encouraçado serpenteava furiosamente para evitar as bombas e torpedos, enquanto chamas vermelhas saíam de seus canhões. Um avião inimigo foi atingido e veio descendo desgovernado, envolto em fumo. Caiu no Mar, explodiu e, fendendo a água, desapareceu no abismo. O combate durou ainda al-

gum tempo. Finalmente os atacantes, desnorreados pelos tiros que riscavam os ares, bateram em retirada, afastando-se.

A Piabinha observou tudo, mergulhando de vez em quando e tornando a sair fora d'água. Resolvida a continuar a viagem, dirigiu-se ao bosque de coral, onde ficava o seu castelinho de pérolas. Enquanto nadava, ia reparando em tudo. Espantou-se com a grande quantidade de navios e aviões afundados que encontrou pelo caminho. E como era desagradável o petróleo que saía deles! Bombas de profundidade, minas magnéticas por tôda parte!... Uma horrível substância desconhecida misturava-se à água do Mar, tornando-a mais venenosa ainda! Era T. N. T. (Trinitrotolueno) o mortífero explosivo dos torpedos...

— Oh! disse a Piabinha, suspirando e com um nó na garganta. Ainda bem que os meus peixinhos estão no rio Vermelho, são e salvos...

CAPÍTULO IV

A quadrilha de piratas

Apesar da náusea e do mal-estar que sentia, a Piabinha continuou o caminho. Uma grande surpresa a esperava: o seu lindo castelinho de pérolas estava arrombado e a pequena cama de madrepérola desaparecera! Espantadíssima, foi até à gruta onde ficava guardado o ouro do Mar e encontrou a mesma coisa. O cofre dos tesouros fôra aberto à força e nada mais havia nêle. E assim, em todas as casas. Horrorizada, a Piabinha chegou à conclusão de que o Mar estava entregue ao saque! E aquilo só poderia ser obra de ladrões... Mas os peixes do Mar não haviam ido todos para o rio? Como se explicaria aquilo?

— Alguns bichos devem ter ficado escondidos por aqui - pensou ela consigo mesma. Que bandidos!

Decidida a descobrir a verdade, começou a percorrer o Mar. Nada... O oceano parecia deserto. Certa noite, já bastante cansada, ela recostou-se numa pedrinha perto de uma gruta. De repente, ouviu um barulhinho de bicho nadando. Arriscou uma olhadela e... que viu? - Um medonho Escorpião do Mar, vestido de pirata, que se aproximava! Êle era horrível! Tinha o corpo negro e todo coberto de espinhos agudos.

— «GABRIDO», disse êle em frente à gruta.

Era a senha. Abriu-se uma porta, e o ladrão entrou. A Piabinha ficou quietinha, esperando que o Escorpião voltasse.

Dez minutos depois a porta abriu-se novamente e ele saiu lá de dentro, olhando cautelosamente para os lados. A Piabinha deu tempo para êle se afastar e aproximou-se da gruta.

— «GABRIDO», disse ela com sua voz fininha.

A porta abriu-se e ela se viu numa espécie de salão cheio de arcas e de tesouros fantásticos! Colares de brilhantes e pérolas, caindo de um baú entreaberto... Montes de esmeraldas e rubis em cima da mesa. Ouro por todos os cantos... Mal a Piabinha acabava de observar essas riquezas, sentiu-se agarrada por um par de pinças.

— Está segura! disse alguém.

Era um pequeno e magro Escorpiãozinho que tomava conta da porta. Estava todo de preto e olhava com espanto para a Piabinha.

— Solte-me e conversaremos como bons amiguinhos, disse ela. O pobre bichinho largou-a e começou a soluçar.

— Por que é que você está chorando, meu bem? perguntou ela carinhosamente. Conte-me o que o aborrece tanto.

O Escorpiãozinho limpou os olhos e respondeu:

— Tire-me daqui, boa peixinha! Não tenho pai nem mãe, e o Escorpião Negro ameaçou-me de morte se eu não quisesse trabalhar nesta gruta. Ele é chefe de uma quadrilha de piratas, e eu vivo horrorizado com tanto crime e tanta ruindade. Leve-me embora! leve-me, Piabinha simpática!

— Haveremos de dar um jeito nisso. Mas por onde andam os bandidos? indagou ela.

— Estão combinando uma coisa horrível... tornou êle. Imagine que...

— «GABRIDO», gritou uma voz grossa lá de fora.

— Aqui, depressa! disse o Escorpiãozinho, agarrando a Piabinha e escondendo-a numa concha de ostra, enquanto abria a porta.

O Escorpião Negro entrou, acompanhado por uma Enguia Elétrica e por uma centena de Escorpiões vestidos de piratas. Todos tinham um lençinho vermelho amarrado na cabeça e traziam uma faquinha na bôca (com certeza haviam roubado essas coisas de algum barco afundado...).

A Enguia Elétrica tinha dois metros de comprimento e seu corpo era comprido tal qual uma cobra. Agruparam-se em volta da mesa, e o Escorpião Negro começou a dizer uma coisa numa língua esquisita. A Piabinha apurou o ouvido e descobriu que o que se falava era o «Enguiano», língua das Enguias.

— Esta madrugada mesmo, meus companheiros - - dizia o medonho Escorpião Negro - - não haverá mais um peixe vivo! Morrerão todos engarrafados no rio Vermelho, e tornar-me-ei o senhor absoluto do Mar. Serei o rei do oceano, e a senhora Enguia, que tanto nos vai ajudar, será a rainha. Mãos à obra. Hip, Hip, Hurrah!

A Piabinha, que compreendia o Enguiano, entendeu tudo e quase morreu de aflição. Estavam maquinando a morte de seus peixinhos! Era preciso agir e com rapidez! Mas como? Onde?

Os piratas mexeram na arca, tiraram umas coisas e saíram cantando uma música que dizia assim: «Onde o que é verde se torna vermelho, depois de ter ficado castanho»...

— Conte-me o que sabe, amigo Escorpiãozinho, disse a Piabinha, saindo da concha.

— Infelizmente, nada sei, tornou êle. Mas ouvi dizer que os bandidos se reúnem num lugar misterioso onde estão ajuntando qualquer coisa.

No auge do desespero, a Piabinha resolveu ir atrás da quadrilha.

— Posso ir? perguntou o Escorpiãozinho.

— Se não tem medo, pode.

E saíram juntos.

Não descobriram nada. A água do Mar continuava envenenada, e eles já não podiam mais de tanto enjoo.

Sem saberem onde ir, já estavam quase desanimando.

De repente, a Piabinha lembrou-se da música que os piratas estavam cantando ao saírem da gruta. E começou a recordá-la:

«Onde o que é verde se torna vermelho, depois de ter ficado castanho»... Verde... castanho... vermelho... Súbito, ela deu um grito, dizendo:

— Vamos descer duzentos metros imediatamente! Enadaram para baixo a tôda a velocidade.

— Algas! Algas! repetia ela sem parar. E eu que não havia pensado nisso!

— Mas que têm as algas a ver com o caso? indagou o Escorpiãozinho.

— Pois você não sabe que as algas em cima são verdes, depois se tornam castanhas e mais abaixo ficam vermelhas? explicou ela.

— Vermelhas, por que, Piabinha?

— A razão é simples. Em cima elas recebem luz, e a duzentos metros, não. E, sem luz, não se forma a clorofila, que dá a cor verde à folha.

Chegaram. O Mar estava quase escuro; apenas uma tênue claridade iluminava aquele sombrio lugar. A grande floresta de algas apareceu, cheia de galhos vermelhos e emaranhados.

— Disfarçemo-nos com uma folha de alga, disse a Piabinha.

Camuflaram-se e foram-se aproximando. Ouviram um rumor de vozes. Falava-se o Enguiano novamente.

— A dinamite deu para encher o submarino? perguntou o Escorpião Negro a alguém.

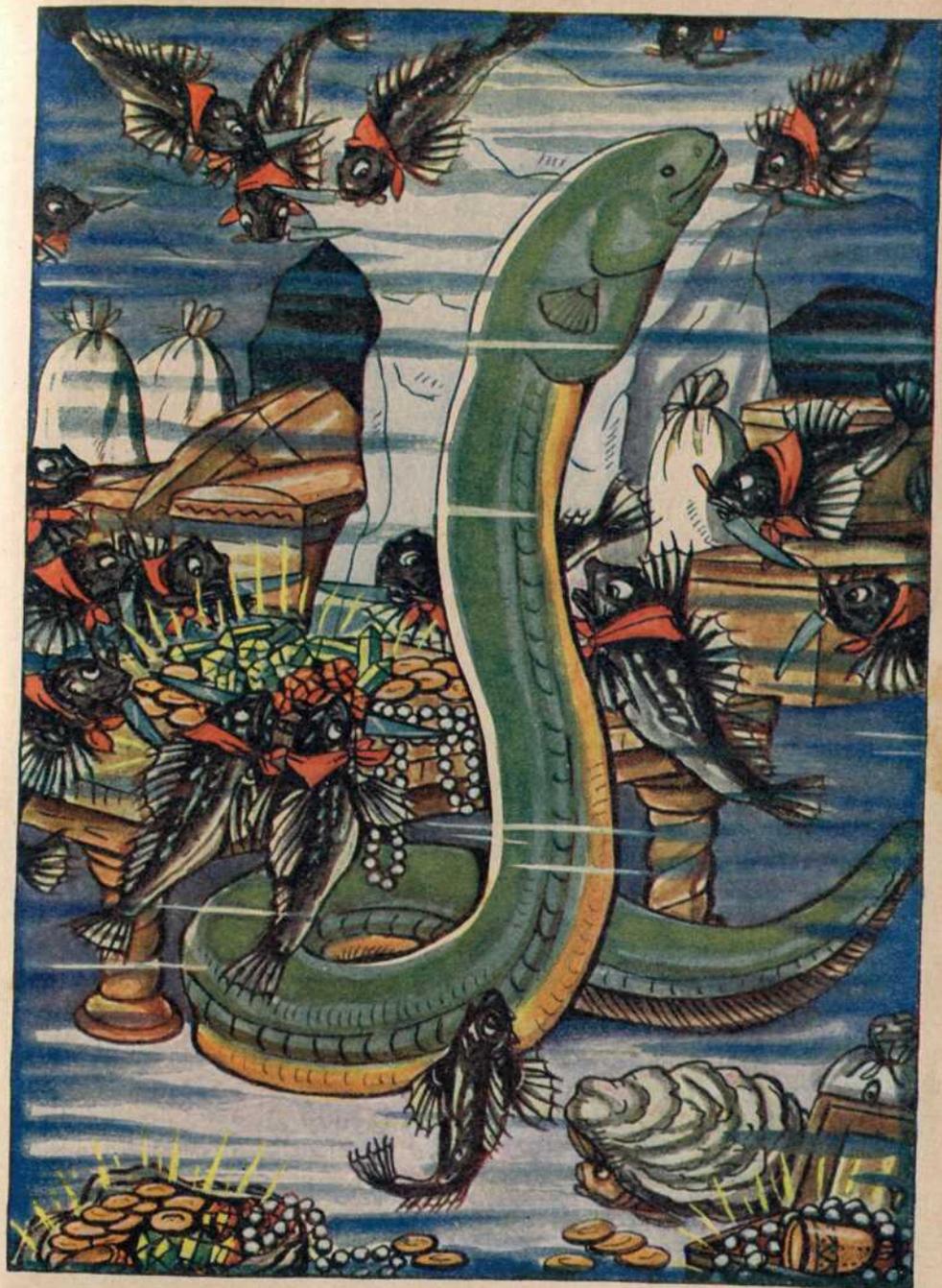
— Deu, sim, patrão, tornou o outro. Ele está cheio e a máquina infernal já ficou pronta.

— Mas que plano bem feito o nosso, hein? continuou o Escorpião Negro. Hoje, à meia-noite, d. Enguia fará funcionar o motor do submarino com a eletricidade que tem no corpo e o levará até ao Rio Vermelho, deixando-o lá. Com a escuridão da noite, os peixes estarão dormindo, e ninguém verá nada. O relógio da máquina infernal está marcado para explodir às duas horas da madrugada... Aí, então... Quá... Quá... Quá... Eu só queria ouvir o estouro e a gritaria da bicharada virando defunto... E deu uma gargalhada horrível.

A Piabinha tremia de emoção. Arriscando-se a ser descoberta, nadou para dentro do bosque de algas e viu o submarino infernal escondido no meio dos galhos. Estava cheio de dinamite roubada dos navios afundados! A Enguia Elétrica, que entendia de mecânica, experimentava os acumuladores, dizendo que estavam ótimos.

— Tudo pronto, falou ela afastando-se.

Então a Piabinha, com o coração aos pulos, aproximou-se do relógio da máquina infernal, que estava marcado para explodir às duas da madrugada, e mudou o pon-



teirinho detonador para a meia-noite. O submarino explodiria ali no Mar, antes mesmo que a Enguia o pusesse em movimento!... Mas o pior é que só faltava uma hora para a meia-noite, e a Piabinha não teria tempo de chegar até ao rio.

— Não faz mal, pensou ela. Morrerei com a explosão, mas os meus peixinhos estarão salvos.

De qualquer modo, ela e o Escorpiãozinho resolveram tentar a volta para o rio. Saíram devagarzinho e, uma vez fora do bosque de algas, rumaram para cima a tóda.

Só faltavam cinco minutos para a explosão. Exausta e intoxicada pelos venenos da água, a Piabinha desmaiou. E Escorpiãozinho agarrou-a com as pinças, carregou-a e, num último esforço, começou a nadar. O coitadinho mal podia consigo mesmo, mas, apesar disso, foi aguentando até perto da foz do rio. Nesse mesmo instante ouviu-se um estrondo horrível, enquanto as águas do Mar se revolviam numa convulsão furiosa!

O submarino explodira, reduzindo a pedaços a quadrilha de Escorpiões...

* * *

O tempo foi pouco para a Piabinha contar sua aventura. Os peixes agradeceram muito a sua rainha o ter-lhes salvo a vida. A pobrezinha ficou de cama dois meses, tóda amarela e sofrendo do fígado. Doutor Golfinho e os melhores médicos do rio trataram dela, que afinal sarou. O Escorpiãozinho foi convidado para morar no Vermelho, mas não aceitou, dizendo que só tinha um desejo: servir a Piabinha no resto de seus dias.

Uma tarde alguém chegou dizendo que as águas do Mar estavam ficando limpas e que os submarinos haviam desaparecido. Era tempo de pensar na viagem de volta. Os bichos do rio pediram aos do Mar que ficassem morando com êles.

— Estamos vivendo tão bem juntos, diziam.

A Piabinha agradeceu muito dizendo que aquilo não era possível.

— Mas, quando chegar o tempo da sêca e o Vermelho estiver quase vazio - - acrescentou ela - - esperamos vocês todos no Mar. Farão uma estação de águas conosco.

— Está combinado, disseram os peixes do rio.

CAPÍTULO V

Volta a paz

Enfim, voltara a paz...

Os pescadores tornaram a deitar as suas redes e passavam felizes, cantando nos barcos.

Via-se a sombra dos grandes transatlânticos que cruzavam as águas, ligeiros, e deles vinham músicas lindas e alegres.

As águas do oceano fenderam-se, e desceu um estranho aparelho.

Era uma espécie de tubo flexível, em cuja extremidade inferior havia uma câmara de observação, com paredes de cristal transparente.

Através delas, um artista começou a pintar as maravilhas do fundo do Mar...



Nesse mesmo instante ouviu-se um estrondo horrroso...

(Pág. 22)

UMA AVENTURA NO ABISMO

CAPÍTULO I

Um mistério no fundo do Mar

Enquanto descia para o fundo do Mar, a Piabinha ia pensando naquele estranho bilhete que recebera assinado pelo Peixe-Fantasma. Dizia só assim: - - «Se possível, venha à Região dos Peixes Fosforescentes ajudar-nos a decifrar terrível mistério. Situação angustiosa. Fafá».

Como resistir a êsse chamado? Ela nunca se esquecia de que Fafá - - o simpático Peixe-Fantasma - - ajudara muito o Espadarte, quando êste fôra ao abismo basear o remédio que lhe salvara a vida⁽¹⁾. E, mesmo sem isso, como dizer «não», quando alguém se dirigia a ela tão cheio de aflição e confiança?

— E' um lugar muito fundo e perigoso, o frio é horrível, a senhora é fraquinha, a senhora adoce, disseram os peixes todos, procurando dissuadi-la.

— E é cheio de assombrações. Tem até peixe sem cabeça! acrescentou o Salmão, cada vez mais bobo.

Mas a Piabinha não quis ouvir ninguém. Besuntou o corpo com óleo de baleia para se proteger contra o frio e foi assim mesmo. Desceu muito. O Mar foi ficando azul anil, depois cinzento e afinal escureceu completamente. Um mundo mágico apareceu então diante de seus olhos. Seres fantásticos e transparentes nadavam de um lado para outro, clareando as trevas submarinas com sua fosforescência... Que coisa linda, meu Deus! A Piabinha parou um instante, admirando a deslumbrante região. Seu coraçãozinho pulava como doido de tanta emoção.

2 bis Na Região rioit Peixes Fosforescentes

Mas ai, que água gelada!...

E sempre quieta, parada... Nada mudava essa temperatura, coisa alguma alterava essa tranquilidade... Como era estranha aquela escuridão eterna, aquela noite sem fim...

O tempo era marcado por época. Cada época tinha cem horas.

A gente de lá só dizia assim: «Hoje, na hora vinte, amanhã, na hora sete...» A Piabinha pensava nisso tudo com certo mal-estar. Como agir no meio das trevas?...

Sentia-se tão pequena e desprotegida no meio daquele mundo misterioso e desconhecido!...

Começou a dar uns espirros fininhos, muito engraçadinhos. Teria ficado gripada? Talvez fosse mesmo melhor não ter vindo. E se voltasse?

Mergulhada nesses pensamentos, nem viu dois peixes que se dirigiam para ela. Um deles era redondo e transparente, e outro, todo negro, com dois poderosos faróis em cima dos olhos.

— A senhora não é a Piabinha? falou o primeiro. Bem-vinda seja ao fundo do Mar! Sou o Peixe-Fantasma, ou melhor Fafá, como me chamam.

— Ora, viva! Que alegria conhecê-lo pessoalmente, amigo Fafá! disse ela tôda contente.

O Peixe-Fantasma reparou nela mais um pouco:

— A senhora é um encanto, dona Piaba. Bem o Espadarte tinha dito...

— Obrigada, você é que é um amor, tornou ela.

— Puxa! Quanto elogio... falou o peixe que tinha olhos de farol.

— Êste cá é o Fotostomo, apresentou Fafá. Um camaradão e tanto... Ficarà à sua disposição para iluminar-lhe o caminho, pois a escuridão é grande e há perigo por todo lado.

O Fotóstomo tinha na cabeça duas enormes glândulas fosforescentes das quais jorrava uma luz fortíssima. As glândulas eram rodeadas de uma capa negra e lustrosa, que fazia o efeito de refletor. Esses faróis naturais tinham adiante uma membrana muito transparente e mais ou menos arredondada, através da qual era projetada a luz tal qual a de uma lanterna, atravessando o cristal de aumento.

— Agora conte lá o que há, meu bem, disse a visitante ao Peixe-Fantasma.

— Dona Piaba, a senhora é um anjo, começou êle. Antes de tudo, obrigado e muito obrigado por ter vindo. O que está acontecendo aqui é tão fora do comum, que a gente fica sem saber o que pensar. E contou o seguinte:

— Havia um Caranguejo que morava sossegado numa gruta. Certa vez apareceram dez Lagostins pedindo que lhes alugasse uns quartos. Como a gruta era grande, o Caranguejo concordou, e os Lagostins mudaram-se para lá. Pois bem: os Lagostins estavam sendo assassinados debaixo de circunstâncias esquisitíssimas: as luzes apagavam-se de repente, ouvia-se um silvo agudo, um grito depois, e o pobre bicho aparecia morto, todo furadinho e com duas feridas na cabeça. Oito deles já tinham acabado assim.

— Morreram todos do mesmo modo? perguntou a Piabinha.

— Do mesmo modo e sempre na hora cem, explicou Fafá. E com certeza os dois Lagostins que ainda restam vão ter o mesmo fim que os seus oito companheiros.

A casa do Caranguejo já tinha sido virada e revirada por todos os cantos, e êles não encontraram absolutamente nada que pudesse esclarecer alguma coisa.

— Em que hora estamos? indagou a Piabinha.

— Hora noventa e nove e meio, respondeu êle. Só faltavam, portanto, trinta minutos para o próximo crime...

Olharam-se todos em silêncio, enquanto a Piabinha parecia concentrar o pensamento. De repente, numa súbita resolução, disse:

— Vamos imediatamente à casa do Caranguejo.

E lá se foram os três, com o Fotóstomo à frente iluminando o caminho.

CAPÍTULO II

O espírito das trevas

A gruta onde moravam os Lagostins resplandecia, cheia de animais fosforescentes. O próprio Caranguejo veio recebê-los à porta. Estava tão aflito, coitado, que fazia dó!

— Que alívio encontrá-la, dona Piaba! A senhora é nossa última esperança. Veja só o bilhete que apareceu no meu quarto. E estendeu-lhe um papel, onde estavam escritas essas palavras: «Depois dos Lagostins, será a sua vez. Não adianta mudar de casa. Onde fôr, lá irei eu. Espírito das Trevas».

— Não é horrível? gemia o pobre bicho, chorando como nenê novo.

— Que é isso, senhor Caranguejo, disse a Piabinha. Tome um pouco de passiflorina e sossegue. Haveremos de descobrir quem é o tal «Espírito das Trevas». Quero ver agora os dois Lagostins.

O Caranguejo tomou o calmante fazendo careta e entrou para um quarto, voltando acompanhado pelos dois Lagostins. Eram lindos. O corpo fazia lembrar o dos camarões, e eles lançavam fortes nuvens de uma deslumbrante luz azulada, tal qual uma fumaça luminosa. Essa luz vinha dos orifícios de umas glândulas especiais situadas na base de duas compridas antenas que saíam de perto dos olhos.

— Está chegando a hora cem, dona Piaba, e nós estamos à espera de nossa triste sorte! falou um deles, soluçando.

Mal o Lagostim acabara de falar isso, as luzes dos animais fosforescentes apagaram-se sem que eles soubessem como, ficando o lugar na mais completa escuridão.

— Acende! Acende! Lá vem o Espírito das Trevas! Pega! Pega! Segura o bicho! gritavam os peixes desesperados.

A Piabinha sentiu um arrepio de pavor e chamou o Fotóstomo e Fafá, que estavam a seu lado.

— Não saiam daqui, disse ela. Observemos tudo.

Em seguida, ouviu-se um silvo estridente, depois um grito horrível e alguns momentos de impressionante silêncio. Então, pouco a pouco, as luzes dos animais fosforescentes acenderam-se novamente, e mais uma vez eles viram horrorizados o pobre Lagostim morto, o corpo todo furadinho, sem as antenas e com duas largas feridas perto dos olhos.

— Mas isso é uma coisa monstruosa! dizia o Caranguejo, no auge do desespero e pondo as pinças na cabeça.

— E na próxima hora cem... ai de mim!... será a minha vez!... gemia o último Lagostim chorando.

A confusão era grande. Os bichos iam de um lado para outro, inteiramente desorientados. E era um espetáculo bonito aquela infinidade de seres luminosos riscando a escuridão do abismo com sua fosforescência. Todo mundo dava palpites: que devia ser uma quadrilha inteira agindo de combinação... que era um monstro de chifre que viera do Mar Negro e isso e aquilo. Cada qual olhava para o outro, mais desconfiado.

— Nunca me viu não? perguntava irritado o medonho Peixe-Víbora'ao Fotóstomo, que estava reparando nêle.

— Sujeitinho mal-educado, tornou êste. Eu que não ficava -perto de você no escuro... Não deve ser à toa que você tem esses dentes tão afiados...

.Depois que todos se acalmaram, a Piabinha examinou o defunto com grande atenção, despediu-se e dirigiu-se para a casa de Fafá, onde estava hospedada.

Voltaram os três em silêncio, nadando pela escuridão afora, guiados pelos refletores do Fotóstomo.

— Precisamos dar um jeito nisso antes da próxima hora cem, disse a Piaba pensativamente. E, dirigindo-se ao Fotóstomo:

— Você sentiu alguma coisa quando seus faróis se apagaram?

— Absolutamente nada.

— E' estranho, tornou ela. E os furinhos no corpo do defunto? E as antenas arrancadas?...

Sem desânimo, os três começaram a fazer longas viagens pelo fundo do Mar. Mas as horas se passavam e êles não descobriam nada.

Certa vez, voltando para casa, a Piaba achou um bilhete que lhe era endereçado e que dizia assim: «Se quiser sair viva daqui, não procure saber demais. Espírito das Trevas».

Oh! o Espírito das Trevas! O nome dêle andava de bôca em bôca... Falava-se até num peixe mal-assombrado e sem cabeça... Quem sabe lá! Havia tanto mistério por aqueles lados!

A Piabinha foi deitar-se, mas não conseguia dormir de modo nenhum. Virava-se de um lado para outro em sua concha e... nada... E se fosse dar uma volta? O Fotóstomo estava ferrado no sono, e não valia a pena acordá-lo. Iria sozinha mesmo. Nadou um pouco, deu um espirro fininho e recostou-se numa pedra, observando.

CAPÍTULO III

Os estranhos seres do abismo

Pobre Piabinha! Estava com mêdo. Sim, com mêdo... Talvez fosse aquela treva sem fim, aquela noite sem dia... Que bom se houvesse um pouco de luz!... A claridade lá de cima... O calorzinho morno do sol esquentando a água... Como ela suspirava por aquilo tudo!...

Que silêncio e que escuridão! Passou um peixe negro com duas filas de órgãos fosforescentes. Parecia um transatlântico, com as janelinhas dos camarotes iluminadas, perdendo-se na distância... A Piabinha olhou para a esquerda e viu lá longe um grupo de camarões luminosos, em pé, esbranquiçados e transparentes como fantasmas... Um arrepio de pavor percorreu-lhe o pequenino corpo. Continuou olhando. Veio vindo o assombroso Peixe-Batisfera, o mais estranho e fantástico dos seres que moram no abismo⁽¹⁾. Tinha dois metros de comprimento, e o corpo negro era todo constelado de luzes. Da bôca, sempre entreaberta, saía uma espécie de espuma fosforescente, brilhante e lindíssima. O maxilar inferior, muito comprido, alongava-se, deixando à mostra enormes e afiados dentes iluminados, como se o peixe tivesse um poderoso farol na garganta. Ó Batisfera possuía dois tentáculos, com uma luzinha vermelha, outra azul na ponta. A Piabinha reparou nêle, entre deslumbrada e inquieta. Pouco depois estremeceu, horrorizada. Passou uma grande cabeça fosforescente, lançando-lhe um olhar longo e misterioso. Oh! Aqueles olhos enormes estavam dizendo tanta coisa... Olhos maus...

(1) Esse extraordinário peixe foi visto pela primeira e única vez por William Beebe, em sua espetacular descida ao fundo do mar. Beebe chamou-o de Peixe-Batisfera, nome do aparelho de aço dentro do qual explorou os abismos marinhos.

Olhos de demônio... E que seria aquilo ali adiante, santo Deus? Uma espécie de tubo luminoso com uma coisa parecendo pena de pato dentro... Era uma lagartixa, cujo corpo produzia uma substância gelatinosa e fosforescente, que o envolvia todo, tornando-se mais ou menos sólida. Esse tubo possuía válvulas internas que permitiam à lagartixa sair quando quisesse, mas impediam a entrada de outros seres. Mas, ai dela! Tal qual traiçoeira serpente negra, veio vindo uma Enguia voraz que em dois segundos despedaçou o tubo e devorou o verme... Quanto perigo sôlto!... Quanta coisa estranha...

A Piabinha não sabia o que fazer. Sentia-se frágil, insignificante; e, além de tudo, o peso da água a incomodava muito, cansando-a terrivelmente.

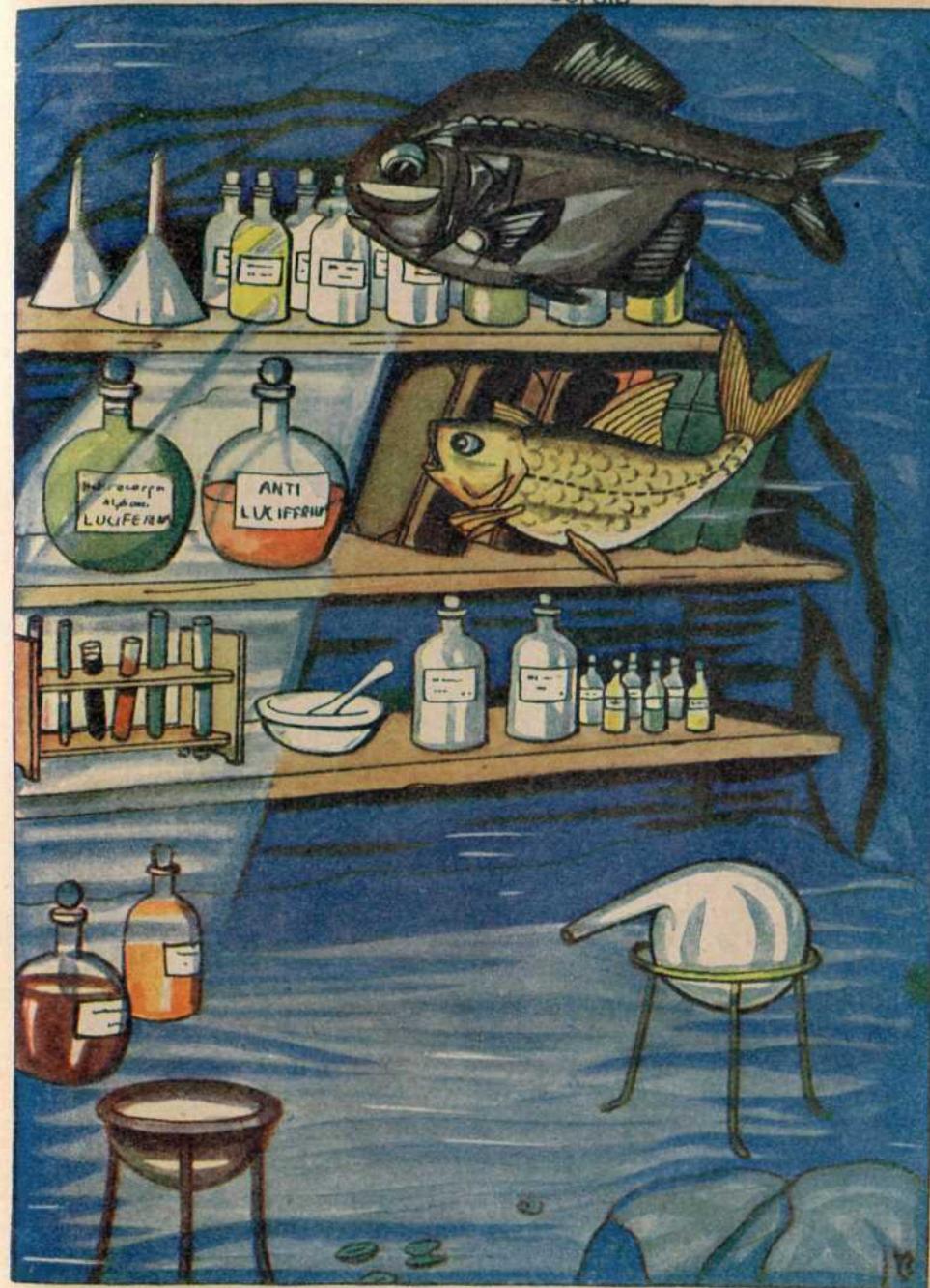
Mas não! Nada de desânimo, «Para frente», disse ela consigo mesma. Voltou para casa e chamou o Fotóstomo. Iriam decifrar os segredos daquela região uma vez mais! Ela não poderia entregar-se assim ao mêdo...

CAPÍTULO IV

O vidro de Luciferina

Nadaram bastante. A Piaba olhava tudo e reparava em todas as coisas. Certo momento, encostando-se numa gruta, viu que havia uma pedra solta. Examinou melhor e descobriu uma espécie de porta disfarçada. Entraram cautelosamente, atravessaram um corredor comprido e chegaram a um salão cheio de vidros. Excitadíssima, a Piaba disse ao Fotóstomo:

— Ponha os seus faróis em um por um dos vidros. Todos estavam cheios de substâncias desconhecidas, e cada qual tinha um rótulo explicando o que continha. Dois vidros maiores despertaram especialmente a atenção da Pia-



binha. No primeiro, cheio até em cima, lia-se: «Heterocarpus Alphonsi». E mais embaixo: «Luciferina». E, no segundo, cheio só pela metade: «Anti-Luciferina».

— Estamos no caminho certo! falou a Piabinha. Agora ilumine-me os outros cantos do salão. Um pequeno objeto jogado no chão fêz com que ela soltasse um «oh» cheio de pasmo.

— Dê um pulinho a casa e diga à Fafá que venha depressa, falou ela ao companheiro.

— Mas a senhora não tem medo de ficar assim sozinha, sem luz nem nada? perguntou o Fotóstomo.

— Não faz mal, é só enquanto você vai e volta.

CAPÍTULO V

A Piabinha em perigo

O peixe de olhos de farol afastou-se, e o salão ficou numa escuridão completa. A Piabinha quieta e tãda encolhidinha esperava a volta de seus amigos.

Para falar a verdade, ela estava um tanto aflita. Não era propriamente medo o que ela sentia, mas uma coisa bem parecida. Um minuto, dois, cinco minutos...

— «Arre, que Fafá estava custando!»

Sem saber se era impressão ou não, ela ouviu um ruído leve enquanto a água estremecia ligeiramente. Que seria, meu Deus?! Tudo ficou quieto de novo. Então ela começou a sentir uma presença misteriosa no meio da escuridão. Sim, alguém, alguma coisa estava ali bem perto dela, naquele salão! Alguma coisa viva, alguém muito perigoso e muito mau... Era «Ele» com certeza! Ele, o fantástico Espírito das Trevas!... A Piabinha quase morreu de susto. O único jeito era continuar bem quietinha. Arrependeu-se mais uma vez de ter descido à região dos peixes

fosforescentes. Era bem-feito! Também quem a mandara meter-se naquela aventura! Uma peixinha não deveria envolver-se assim em complicações. Mas agora era tarde!... A água estremeceu novamente e - - oh horror! - - ela sentiu uma coisa afiada como agulha roçar pelo seu rosto, arranhando-lhe a pele! Um barulhinho de pedra deslocando-se e nada mais. Nesse mesmo instante o salão foi ficando claro, e o Fotóstomo e Fafá entraram.

— Quase que vocês não me encontram viva... disse ela chorando.

— Por favor, dona Piaba, eu não posso ver mulher chorar! disse o Fotóstomo incomodadíssimo.

— Deixe-a chorar à vontade, tornou Fafá. E' bom, porque desabafa.

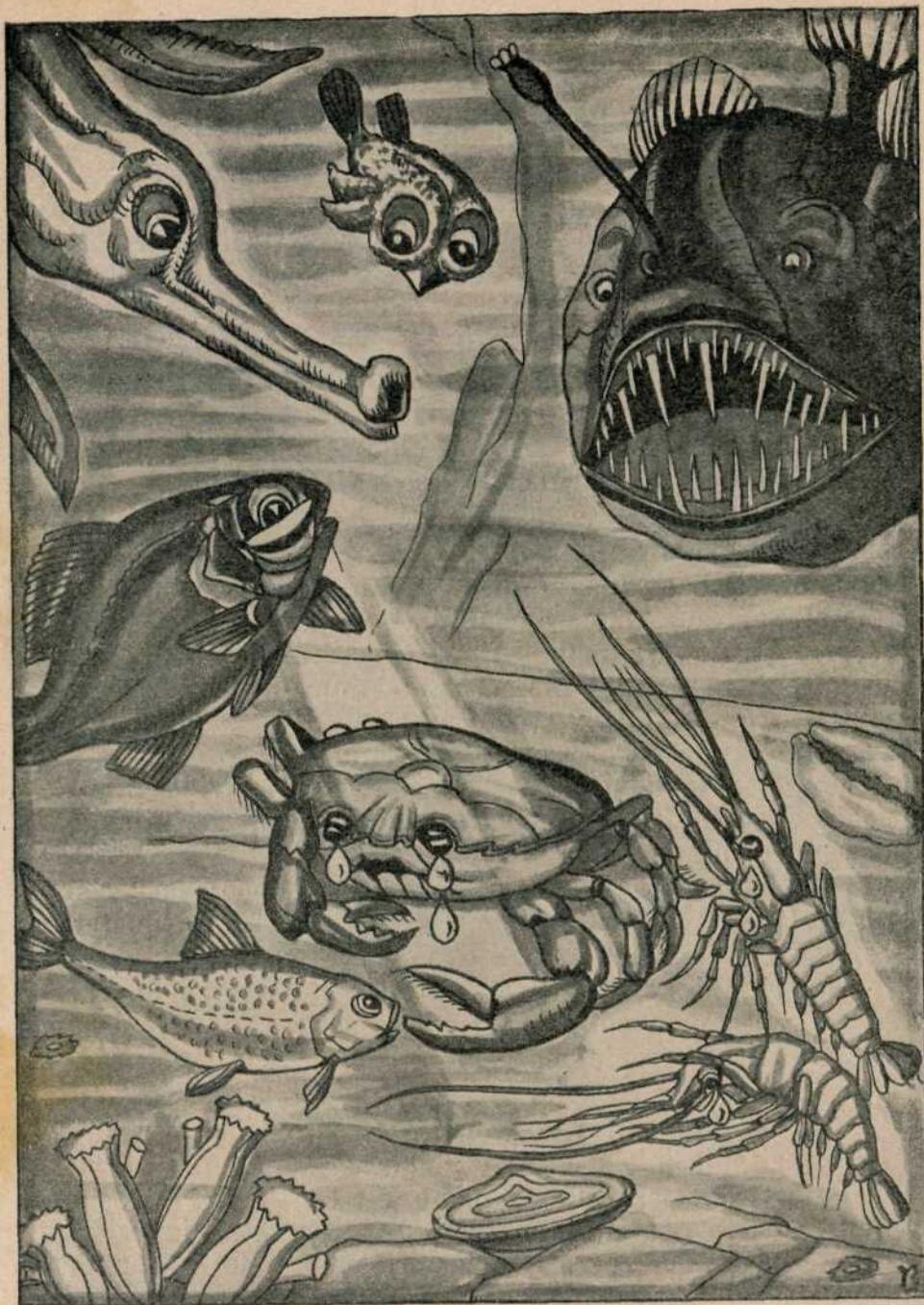
Fôra apenas um minuto de fraqueza. Logo a Piabinha recuperou a calma e contou a seus amigos o que acontecera. Examinaram tudo e não encontraram nada. Ao levantarem uma pedra meio solta, deram com outro corredor. Mas ouviram vozes, colocaram a pedra no lugar outra vez e voltaram para casa. Conversaram muito e chegaram a uma porção de conclusões. Não havia dúvida: aquele salão era o antro do Espírito das Trevas... Mas ninguém descobrira ainda quem era êle.

A Piabinha sabia mais do que os outros; mas, como de costume, não contava nada a ninguém antes de ter a certeza.

— Fafázinho, disse ela. Estou em vésperas de revelar a vocês uma coisa tão espantosa, que até eu mesma chego a ficar arrepiada... Mas guarde segredo e esperemos a hora cem.

— E o Lagostim? Morrerá como os outros? perguntou Fafá, agitadoíssimo com a notícia.

— Se der certo o meu plano, êle continuará vivo, tornou ela. E o Espírito das Trevas aparecerá à vista de todos... Só peço a vocês que façam tudo como eu mandar.



Antes, porém, preciso subir quinhentos metros acima para esclarecer um caso. Até logo.

Que iria ela fazer nessa misteriosa viagem? Ninguém sabia. A verdade é que foi e voltou muito contente. Tornou a ir ao tal salão algumas vezes, e combinou uma porção de coisas com Fafá e Fotóstomo.

CAPÍTULO VI

O plano dá certo

Estava chegando a hora cem. Como nas outras ocasiões, a casa do Caranguejo ficou cheia de bichos fosforescentes, cada qual com sua luzinha. Peixes da polícia secreta, Camarões detectives, um colosso de gente.

O Lagostim, coitado, com cara de futuro defunto, estava quietinho num canto, sem dar uma palavra...

— Da próxima vez morrerei eu, gritava o Caranguejo, chorando.

— Que coisa feia, seu Caranguejo, dizia-lhe a Pia-binha. Um marmanjão desse tamanho fazendo manha... E depois, virando-se para Fafá, baixinho e disfarçadamente:

— Está na hora de você ir, meu bem. Preste muita atenção. Logo que ouvir o silvo, entorne depressa o negócio...

Fafá saiu sem que ninguém desse por isso.

Pois não é que as luzes começaram a diminuir... diminuir... até ficar completamente escuro?

Com horror de todos, ouviu-se o tal assobio agudo. O pobre Lagostim, sentindo que chegara seu último instante, gemeu angustiadamente:

— E' agora, é agora, meu Deus!

Nisso - oh! surpresa - - as luzes acenderam-se de repente e todos viram... O CARANGUEJO junto ao Lagostim e já esticando as pinças para matá-lo... A cena foi rápida. O Caranguejo, vendo-se descoberto e perdido, fincou uma das pinças no próprio coração, agonizou e morreu.

— Bandido! Bandido! gritavam os peixes como loucos. Conte-nos como foi, conte logo, senhorita Piaba.

CAPÍTULO VII

A espantosa explicação

Então, a Piabinha, ainda pálida de susto, contou-lhes primeiramente como descobrira a gruta secreta onde entrara com o Fotóstomo.

— Aqueles dois vidros grandes que encontrei foram a chave da solução do caso todo, explicou ela. No primeiro, que estava cheio até em cima, lia-se «Heterocarpus Alphonsi», que é o nome que os sábios dão aos Lagostins. Mais embaixo do mesmo vidro, estava escrito: «Luciferina».

— Que quer dizer isso?, perguntou alguém.

— Luciferina é a substância que sai das glândulas fosforescentes dos animais marinhos e que se torna luminosa quando entra em contato com o oxigênio da água do mar. Essa descoberta encheu-me de confusão a princípio. Uma coisa, porém, ficara bem clara: o vidro estava cheio da substância luminosa dos Lagostins que tinham morrido. - Parece que estou começando a compreender o motivo dos crimes, disse eu para mim mesma. As glândulas fosforescentes dos Lagostins, como todos sabem, ficam na base daquelas compridas antenas que eles têm, e o assassino, ao arrancá-las, para tirar a substância luminosa, extraía involuntariamente as antenas também. Pensei um

pouco e cheguei à conclusão de que as vítimas morriam da hemorragia que o corte provocava... O fim único de todas aquelas tragédias era, portanto, obter Luciferina! Que crueldade! Mas o que significaria tudo aquilo? Todos esses pensamentos me estavam passando pela cabeça, quando vi, no chão da gruta, um pequeno objeto desconhecido. Aproximei-me e reconheci um... apito prateado. Está explicado o silvo agudo que se ouvia na hora dos crimes, pensei eu, excitadíssima. Nessa hora mandei o Fotóstomo buscar Fafá depressa. Fiquei sozinha no escuro, e, enquanto isso, o assassino foi ao salão buscar não sei que e passou pertinho de mim sem dar por isso. Apesar do susto, pensei cá comigo mesma: o bandido não é fosforescente... Mais um indício para ajudar a esclarecer o caso.

— Com licença, falou alguém. Se êle não era fosforescente, como é que enxergava no escuro?

— O bicho possuía uma lanterninha elétrica encontrada num navio afundado e servia-se dela à vontade. Mas vamos à nossa história. Quando Fafá chegou, levantamos uma pedra solta e encontramos outro corredor. Ouvimos ruído de conversa, e pareceu-me reconhecer a voz do Caranguejo. Indo outra vez à gruta e examinando-a cuidadosamente, descobri que o tal corredor que havíamos descoberto se comunicava realmente com a casa do Caranguejo. Horrorizada, não disse nada a ninguém. Parecia-me impossível que fosse êle o autor de tão horrorosos crimes. Procurando ligar os fatos, eu não compreendia por que os cadáveres apareciam furadinhos. Súbito como relâmpago, veio-me a lembrança de que o corpo do Caranguejo era todo coberto de espinhos muito duros. Não tive mais dúvida. O bicho marcava as vítimas com aquelas espinhas, e havia sido uma delas que me arranhara o rosto quando êle passou perto de mim no escuro.

— Mas para que essa complicação de furar os outros? perguntou um peixe que tinha uma luz verde na cabeça.



— Calma, calma. Você vai ouvir tudo tintim por tintim. E continuemos a nossa história. Eu já sabia quem era o culpado e o motivo dos crimes. Mas só não podia compreender a razão pela qual êle queria a Luciferina. Comecei a indagar disfarçadamente onde morava a família do Caranguejo e soube que ela vivia numa gruta 500 metros acima. Resolvi fazer-lhe uma visita, como se fosse por acaso, decidida a ver se esclarecia alguma coisa. Dito e feito. A velha Carangueja, no meio da conversa, contou-me que tinha um filho doido, metido a estudar química. Êsse filho vivia trancado no laboratório, dizendo que ia descobrir um meio de se tornar fosforescente também. Certa vez êle saiu, falando que tinha inventado um segredo e nunca mais voltou. Minha visita dera o resultado esperado e melhor do que eu imaginara. Os acontecimentos apareceram claros e lógicos em minha cabeça. Agradei à Carangueja e descí a tôda a velocidade.

— Conte-nos agora como as coisas se passaram, pediram todos.

— Pois não, meus luminosos amigos. Obcecado com a mania de ficar fosforescente, o Caranguejo saiu de casa, veio para baixo e alugou aquela gruta, esperando uma oportunidade para realizar o seu terrível plano. Como êle, apesar de doido, era manso e conversava direito, ninguém desconfiou de sua loucura. Pois bem. Quando os Lagostins alugaram os quartos, êle ficou contentíssimo, pois os lindos animais tinham fosforescência em quantidade. Caladinho, sem que ninguém visse, o Caranguejo arranhou um laboratório secreto com duas entradas disfarçadas: uma que dava para o seu quarto, outra que saía do outro lado. Mas, como roubar-lhes a substância luminosa sem provocar desconfiança? Seria tão bom se houvesse escuridão completa... Então êle se pôs a estudar e inventou um líquido que, uma vez despejado na água, neutralizava a fosforescência dos peixes. Colocou-o num vidro, onde escreveu «Anti-Luciferina», e guardou-o no laboratório... Na hora dos crimes,

êle disfarçadamente entornava certa quantidade dela; a luz dos animais fosforescentes apagava-se misteriosamente, e êle podia agir à vontade naquela escuridão. Soprava então um apito de prata, que encontrara num navio afundado, arrancava a glândula fosforescente e fincava os seus espinhos no corpo do pobre Lagostim. Depois ia depressa despejar a substância luminosa no vidro do laboratório e voltava outra vez com cara de santo de pau ôco.

— Mas para que êle apitava e furava o corpo das vítimas? indagou alguém.

— Para assustar os outros. Coisa de doido varrido...

— Mas como é que as nossas luzes voltaram antes do tempo, justamente na hora em que ia ser cometido êste último crime? perguntou um peixe.

— São artes de Fafá, que também estudou química, tornou ela... Êle inventou um líquido que, por sua vez, despejado n'água, anulou o efeito da Anti-Luciferina... Assim se acabou o Espírito das Trevas... E agora, preciso voltar, meus queridos amigos. Não aguento mais o pêso da água em cima de mim. Estou me sentindo tão mal...

CAPÍTULO VIII

A Piabinha volta para cima

Apenas acabara de falar, a Piabinha caiu desmaiada, pobrezinha dela. Os peixes rodearam-na aflitos, sem saberem o que fazer. Felizmente, pouco depois voltou a si. Fafá, à despedida, fêz um comovido discurso, agradecendo à pequena rainha do Mar o grande serviço que lhes prestara. Foi uma tristeza. Todo mundo tinha lágrimas nos olhos. Quem não chorava, estava entalado, de nó na garganta.

— Leve isto como lembrança nossa, disse o Fotótomo, caindo em pranto e entregando-lhe um vidrinho cheio de substância fosforescente. E' para a senhora mandar fazer uma lâmpada e iluminar de noite o seu quartinho de dormir com a luz dos amigos cá do fundo.

Comovidíssima, a Piabinha agradeceu, dizendo que nunca se esqueceria deles. Mas a peixinha estava fraquíssima e não tinha forças para aguentar a longa viagem de volta.

Fafá, então, teve uma ideia. Lembrou-se de que havia uma contínua e lenta circulação vertical da água do Mar, encarregada de renovar o oxigénio do fundo. E se deixasse que o impulso da corrente de água que subia levasse a Piabinha?

Ótima ideia. Ela fechou os olhinhos, enquanto se sentia envolvida e puxada por uma força que a impelia para cima. Aos poucos foi clareando, a água foi ficando morna, e... oh! alegria! ela se viu novamente no meio de seus companheiros de sempre.

— Viva! Viva! gritavam todos, contentíssimos.

A Piabinha ficou de repouso à tona d'água, tomando banhos de sol e teve de usar óculos escuros uma porção de tempo para se ir acostumando com a luz aos poucos.

Foi um sucesso a descrição da sua perigosa aventura. Os peixes davam cambalhotas de alegria, e cada qual fazia um comentário mais engraçado.

— Fantasmagórico! Mirabolante! exclamava o Atum, todo sério e grave.

O Salmão, que era burro de nascença, estava piorando cada vez mais com a idade.

— Eu bem falei! Eu bem falei! repetia êle.

— Falou o que, magricela? perguntou o Camarão.

— Que lá no fundo existe assombração, disse o Salmão.

— De que espécie? Peixe sem cabeça, seu bôbo? tornou o outro, zombeteiramente.

— Se não tinha peixe sem cabeça, tinha cabeça sem peixe, pronto! afirmou o Salmão. Tinha e tinha! Aquela que veio passando e olhou muito para a Piabinha.

Esta, que ouvira a conversa, começou a rir e disse:

— Nada disso. Aquilo era um peixe igual aos outros, com barriga, rabo e tudo. E' que êle só tinha os olhos iluminados, e o resto do corpo não aparecia, por causa da escuridão...

— Que pena! suspirou o Salmão, desapontado.

Mas quem era o tal Espírito das Trevas que mandava os bilhetes ameaçando?

— O próprio Caranguejo, está claro, senhor Salmão, disse a Piaba. Êle chegou a escrever um para si mesmo a fim de afastar as suspeitas de sua pessoa.

Acabara a conversa.

O Espadartezinho, que era afilhado da Piabinha, chegou-se para ela, dizendo com voz de choro:

— Dindinha, o camarão não quer brincar de pegador comigo. Mande-o brincar, Dindinha, mande.

— Vai, meu filho, disse ela ao pequeno camarão. Quem chegar ao pique primeiro ganha uma minhoca.

E lá se foram os dois amiguinhos entre gritinhos e risadas.

Quanto aos peixes grandes, cada qual saiu para seu lado, a cuidar da vida...

ROBALINHO E GOLONDRINA

Robalinho e Golondrina

Coitado de Robalinho! Não estava achando graça nenhuma naquela festa! Mas também como é que a gente pode achar graça numa coisa quando o coração está apertando de tristeza? A encantadora peixinha Golondrina, por quem êle ficara muito apaixonado, desaparecera misteriosamente, e nunca mais se ouvira falar nela. E o peixe andava tão jururu que nem queria saber mais de minhoca em conserva, seu prato favorito. Alguém o vira mesmo olhando muito para uma isca de anzol, com jeito de quem pretendia comê-la de propósito. Foi para ver se conseguia distraí-lo que seu pai, o muito importante senhor Robalo, dera aquele baile para o qual convidara as peixinhas mais bonitas do mar. Sabia-se que as comidas tinham sido feitas no rio e que serviriam até refrescos de água doce em taças de madrepérola, imaginem só... E todo o mundo estava louco para ver as famosas bailarinas «Plumas-do-Mar», que faziam uma «tourné» pelos mares e dançariam à meia-noite.

O castelo de coral branco do senhor Robalo estava uma beleza, iluminado por estrêlas-do-mar fosforescentes e enfeitado com grinaldas de anêmonas de todas as cores.

Tudo quanto era bicho importante estava lá.

Um Bacalhau sábio, que descobrira uma vitamina para fazer crescer barbatana de peixe, conversava com um famoso Esturjão literato que viera do Mar Negro e que acabara de escrever um livro chamado «Os Direitos dos Peixes Pobres».

Um Tubarão muito namorador exclamava, todo vaidoso:

— Arre, que não se pode ser simpático! Fui pedido em casamento setenta vezes, calculem vocês... (mentia como êle só, o malandro...).

Mas que onda de perfume seria aquela que de repente veio entrando pelo salão? Era Borboleta-do-Mar que estava chegando. Borboleta-do-Mar, a peixinha mais grandinha daquelas águas e que tinha grandes esperanças de fazer Robalinho esquecer-se de Golondrina...

E que elegância, façam-me o favor... De permanente nas barbelas, penteadas como pajem e tôda enrolada numa riquíssima capa de lentejoulas, feitas com escama de peixe «Dourado» de rio. Bonita? Sim, bonita, mas antipática, porque vivia contando prosa e fazia pouco caso dos outros.

— Vossa peixeza trescala sublimes essências, dizia-lhe um grande Polvo meio pedante.

— E' um perfume raríssimo, tirado de flor de Vitória-Régia, tornou Borboleta-do-Mar. Custou uma verdadeira fortuna!

— Robalinho nem olha para ela, comentavam as amigas. E era verdade. O mocinho estava distraído, ouvindo a conversa de uns peixes-voadores pára-quedaistas que haviam chegado da guerra.

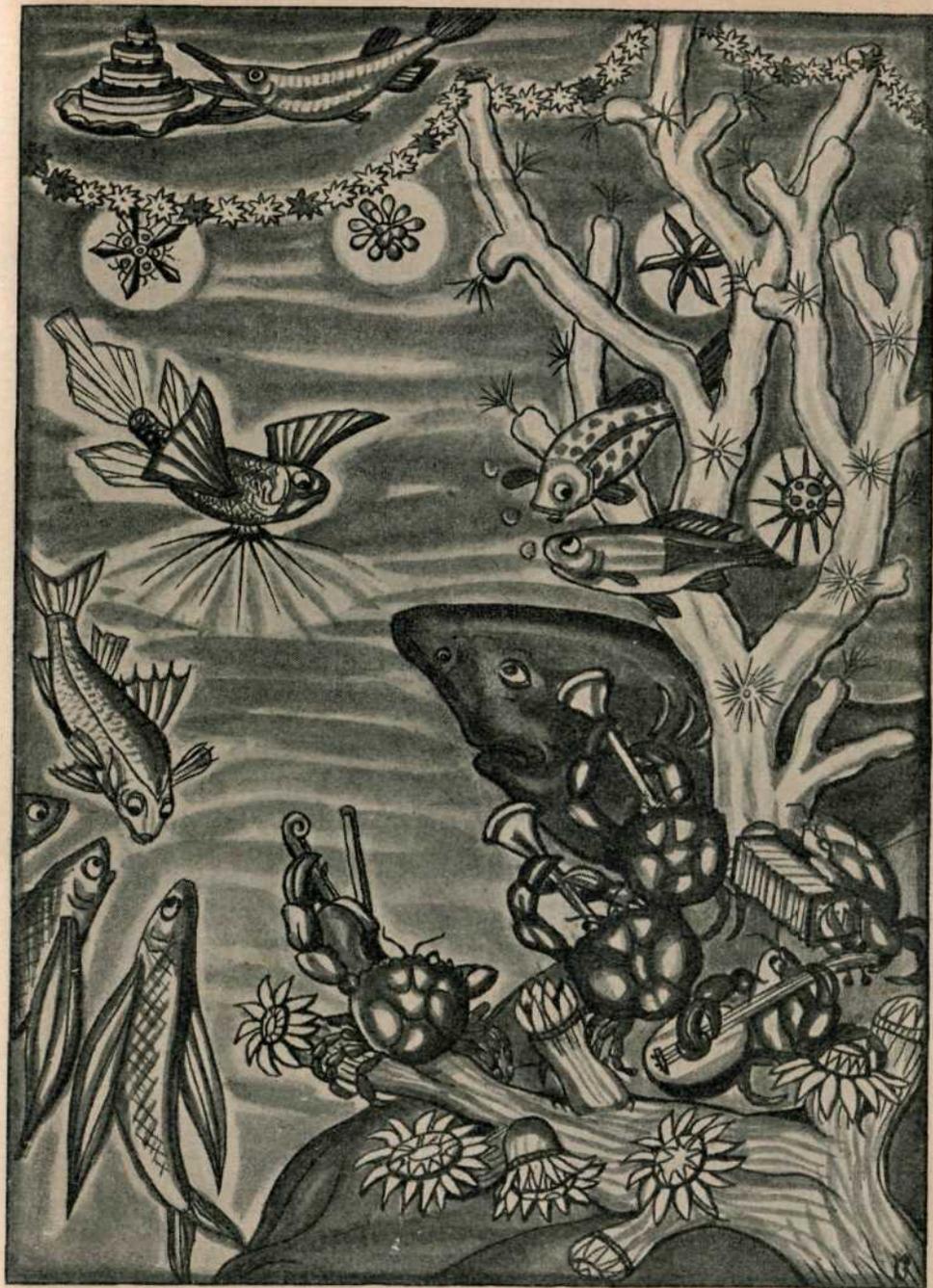
E a festa continuava. Uma orquestra de caranguejos músicos tocava as últimas novidades. Um siri, que tinha fama de dançarino, exibia passos incríveis de conga no meio da sala e tanto se virou e requebrou, que acabou tropeçando e caindo no colo de uma respeitabilíssima Tainha, que quase teve ataque de raiva.

As peixas idosas só queriam saber das comidas.

— Está sublime esta compota de perereca! dizia uma delas, estalando a língua.

— Qual nada, tornou uma velha Baleia. Garanto que não chega aos pés destes fios de ovos de jacaré.

Como era gulosa a Baleia! Mal chegara, fôra diretamente para o «buffet» e lá ficara o tempo todo provando de tudo.



O senhor Robalo, que era brincalhão, resolveu pregar-lhe uma peça:

— Cuidado, dona Baleia, disse êle. Anda dando muita jacarose por aí...

— Jacarose? Que é isso?

— E' uma doença horrível, provocada por abuso de ovos de jacaré.

— E quais são os sintomas? O que é que a gente sente? Diga depressa, pelo amor de Deus!

— Primeiro dá uma dor no tripóide, depois o bicho vai esticando as barbatanas e virando defunto.

— Socorro! Socorro! Estou com dor no tripóide! gritava ela desesperada.

— Calma, dona Baleia, falou rindo o senhor Robalo. Qual tripóide, qual nada! Nem existe órgão nenhum com êsse nome. Eu é que inventei isso tudo para lhe pregar um sustinho.

— Sustinho não, sustão, ouviu? tornou ela, entre zangada e aliviada.

Chegara a meia-noite, e estava na hora do bailado das Plumas-do-Mar. Eram lindos animais gelatinosos vermelhos, amarelos e azuis, que faziam lembrar penas de avestruz com franjas encrespadas e coloridas. Dançaram com graça e beleza o «Bailado dos Leques». Todos gostaram e pediram «bis». Quando a orquestra começou a tocar a belíssima «Valsa das Sereias», Robalinho ficou muito triste. Era a música de que Golondrina mais gostava! A saudade dela apertou, e Robalinho, não suportando mais aquilo tudo, resolveu abandonar a festa. Saiu disfarçadamente e nadou lá para cima.

* * *

Estava uma noite linda, e o céu resplandecia de tanta estrela. Robalinho via a lua, através da fina camada de água transparente. Coisa esquisita: parecia que ela compreendia todas as suas tristezas! Pensou em Golon-

drina. Golondrina... Ninguém movia as barbatanas com tanta graça quanto ela. Que «it», meu Deus! E como eram engraçadinhos aqueles dentinhos miudinhos, um bem juntinho do outro... Onde estaria ela? Tão pequena e tão fraquinha, coitadinha... E se tivesse caído nas garras do voraz Corvo-Marinho, que num segundo estraçalha e devora as prêsas?! Oh, com certeza tinham-na levado para o abismo, lá, onde a noite é sem fim e onde habitam peixes fantásticos! Peixes carnívoros, com tentáculos que seguram, apertam e matam. Não. Ele não se casaria com Borboleta-do-Mar. E' verdade que tinha lindos olhos verdes e era até mais bonita do que Golondrina, mas... não gostava dela e... pronto.

Veio vindo o Argonauta. Era um molusco muito curioso, metido numa concha que usava como se fosse barquinho. Possuía oito tentáculos que serviam de remos. Parou um minuto e disse:

— Boa-noite, Robalinho. Não perca tempo pensando em Golondrina. Ela já deve ter morrido há muito tempo!

E o peixinho nadava pelos mares, cada vez mais cansado e mais triste. Passaram-se os dias. Certa noite em que Robalinho olhava para a lua lá em cima, viu uma Gaivota que voava baixinho em sua direção. Aproximou-se e disse:

— Golondrina vive, Robalinho. Sei até onde ela está. Foi apanhada na rêde por uns marinheiros que a levaram para uma escuna de pesca chamada Alicia, que tem uma figura de mulher de cabelos verdes na proa.

— Comeram-na, gemeu êle, desesperado.

— Nada disso, tomou a Gaivota. Fiquei curiosa e resolvi segui-la. Voei até ao barco e vi tudo o que se passava. O comandante achou-a lindinha e resolveu colocá-la num pequeno aquário de vidro, em seu camarote.

— Oh, leve-me até ao Alicia, por favor! Leve-me, amiguinha Gaivota!

— E' muito difícil, Robalinho. O mar é imenso e está

cheio de navios. Em todo caso, vamos tentar. Você vai nadando à tona d'água e me acompanhando.

E lá se foram os dois pelo mar afora...

Robalinho encontrou alguns submarinos e viu a sombra dos grandes transatlânticos que passavam.

Um belo dia, - - até que enfim - - apareceu uma escuna com a figura de mulher de cabelos verdes na proa. Era o «Alicia».

— Ei-lo, meu amigo. Seja feliz e adeus, disse a Gai-vota, voando para longe.

O coração de Robalinho começou a bater como doido. — Golondrina estava ali em cima! Ali, naquele barco que, de então em diante, seria todo o seu mundo. Talvez não a visse nunca mais. Não faz mal. Sentia-se quase feliz, seguindo-a assim de longe. Acompanharia o «Alicia» até não poder mais, até perder as forças.

E o pobre peixinho nadava e nadava atrás da escuna.

Durante o dia guiava-se pela quilha escura do navio e à noite seguia o rasto prateado que o barco deixava nas ondas.

Mas - - ai! - - como era veloz o «Alicia», e estava tão longe o pôrto!...

Nuvens grossas e negras começaram a formar-se, dando ao céu aspecto ameaçador e terrível. Um vento louco desandou a soprar, enquanto o mar se revolia todo numa agitação selvagem. Uma chuva pesada e quente desabou pelo oceano, e a tempestade estourou em tôda a sua fúria. Os trovões eram tão fortes e caía tanto raio que até parecia uma esquadrilha de «Spitfires» atacando um comboio inimigo! O «Alicia» subia e descia, sacudido pelos vagalhões enormes.

Dir-se-ia uma casquinha de noz, perdida naquele mundão de água salgada! De repente, formou-se uma onda maior do que as outras, que se foi elevando como se pro-

curasse misturar o céu com o mar. Subiu muito alto e, na volta, envolveu o barco de pesca e arrastou-o para o fundo. Robalinho, num supremo esforço, nadou até ao «Alicia» e entrou no camarote do comandante. Oh, felicidade! Lá estava Golondrina, tôda encolhidinha de medo, ainda dentro do pequeno aquário.

— Você, Robalinho? Não é possível! disse ela, espantadíssima. E sorriu, mostrando aqueles dentinhos miudinhos, um bem juntinho do outro.

— Eu nem acredito, Golondrina! falou êle, emocionado.

— Mas como você está magro e pálido, Robalinho!

— Saudade e cansaço, Golondrina. E contou-lhe tudo o que se passara.

Esqueceram-se da tempestade que continuava lá em cima e saíram juntos nadando para longe, mais felizes do que nunca.

Robalinho e Golondrina casaram-se e tiveram noventa e sete filhos. Quanto à Borboleta-do-Mar, consolou-se logo e ficou noiva de um peixe muito parecido com ela, isto é, antipático e orgulhoso como êle só!

Mas também - - cá entre nós - - ninguém aguentava ficar perto deles...

BIBLIOGRAFIA

- Beebe, Willian — «Half Mile Down» - - Harcout, Brace and Company - - New York.
- Bourée, H. - - «De la Surface aux Abîmes» - - Librairi© Ch. Delagrave 15, Rue Soufflot - - Paris.
- Gibbins, Robert - - «Blue Angels and Whales». - - Penguin Books Harmondsworth - - Middlesex, England.
- Hammerton, J. - - «Maravillas de la Vida Animal» - - Editorial Labor - • Barcelona.
- Ihering, Rodolfo von - - «Da Vida dos Peixes» - - Companhia Melhoramentos de São Paulo - - São Paulo.
- Landrin, Armand — «Les Monstres Marins» — Livrarie Hachette - 79, Boulevard Saint-Germain - - Paris.
- Rioja, Enrique - - «Los Animales Marinos».